

Sábado, 09 de Maio de 2026

## **Bancos se unem em defesa de Haddad para evitar enfraquecimento do ministro**

### **CONSEQUÊNCIA DO ARCABOLÇO FISCAL**

**g1**

Os grandes bancos estão unidos na defesa do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, na condução das medidas de reforço do arcabouço fiscal — que reúne as regras de equilíbrio para as contas públicas.

Na avaliação dos comandantes dos maiores bancos do Brasil, não interessa um Haddad enfraquecido, porque **ele é o melhor nome dentro do PT para o cargo e consegue, a duras penas, tirar o “possível” dentro do governo para ajustar as contas públicas.**

Os banqueiros ressaltaram a fala humilde do ministro da Fazenda no almoço da Federação Brasileira dos Bancos (Febraban) na semana passada, quando reconheceu que se o pacote não for suficiente, novos cortes serão feitos para atingir as metas fiscais.

No mercado, a avaliação é que as medidas anunciadas não vão gerar a economia de R\$ 71 bilhões nos próximos dois anos, mas na casa de **R\$ 40 bilhões a R\$ 50 bilhões.**

Está faltando um corte a mais de R\$ 20 bilhões, diz, por exemplo, Luiz Fernando Figueiredo, ex-diretor do Banco Central (BC) e dono de uma empresa de investimentos no mercado.

A avaliação de analistas de contas públicas é que o governo poderá fazer esse complemento por meio de um bloqueio e contingenciamento de despesas.

O dólar terminou a semana passada acima de R\$ 6 e a equipe econômica espera um mercado menos estressado, mas com um dólar ainda alto, nos próximos dias, talvez abaixo de R\$ 6.

A análise é que o dólar só deve recuar mais quando as medidas fiscais começarem a ser aprovadas no Congresso.

Outra expectativa é a atuação do BC. Não fazendo intervenção no dólar, mas elevando a taxa de juros, subindo a intensidade de **0,50 ponto percentual para 0,75 ponto percentual.** A próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) ocorre nos dias 10 e 11 de dezembro.

Roberto Campos Neto, que estava em Miami (EUA) por causa de assuntos pessoais, volta a Brasília para a sua última reunião do Copom, com o seu sucessor, Gabriel Galípolo, alertando para a possibilidade de a taxa de juros ficar alta por um tempo mais prolongado.

Mercado chegou a colocar juros em 14%. Banco Central segue avaliando que não há motivos para intervenção no câmbio, exatamente para não gerar mais turbulências na taxa de juros futura no mercado.